



MOBILIDADE ACADÊMICA 2014

30 de novembro de 2014

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ N.º de Inscrição: _____

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Cinema e Audiovisual; Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Letras (Libras e Português L2; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa; Língua Inglesa e Língua Portuguesa) e Museologia.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTEs.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém 40 questões objetivas, sendo 10 questões de **Língua Portuguesa**, 10 de **Literatura**, 10 de **Filosofia** e 10 de **História**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item 4.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado assinar a lista de presença.
- 11 Após às 16h30min você pode solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.



LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto **Reféns da palavra**, de Luis Fernando Verissimo, para responder às questões de 01 a 10.

REFÉNS DA PALAVRA

01 No seu livro *Lessons of the Masters*, George Steiner lembra que nem Sócrates nem Jesus Cristo, que
02 ele chama de as duas figuras “pivotais” da nossa civilização (de pivôs, como no basquete ou nos crimes
03 passionais), deixaram qualquer coisa escrita. São mestres cujas lições sobreviveram no relato de outros,
04 Platão no caso de Sócrates e os evangelistas no caso de Jesus. Não existe nem evidência de que os dois
05 soubessem escrever. A única, enigmática referência da Bíblia a um Cristo escritor está em João 8:1-8,
06 quando, indagado pelos fariseus sobre o destino da mulher flagrada em adultério, Jesus finge que não ouve e
07 escreve algo no chão com o dedo – ninguém sabe o que ou em que língua. Existe até uma velha piada, que
08 Steiner cita, sobre um acadêmico moderno comentando o currículo de Jesus: “Ótimo professor, mas não
09 publicou.”

10 O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas.
11 Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa
12 aberta em cânone e lição em dogma. Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou
13 em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis.
14 Mas o maior defeito da escrita seria o de ter sabotado a memória como guia, roubando a sua função
15 civilizatória de “mãe das musas”.

16 Durante muito tempo, os gregos desconfiaram da palavra escrita como a linguagem cifrada de um
17 mundo obscuro que só levava à danação, diferentemente do que se aprende “de cor”, ou com a linguagem do
18 coração. Homero, o inventor da literatura ocidental, era maior porque também nunca escrevera nada e suas
19 estrofes inaugurais tinham sido transmitidas oralmente, de coração em coração. Mas isto pode ser outro mito.
20 “Omeros” em grego, descobri agora, quer dizer refém. Homero, como o primeiro escritor do nosso mundo,
21 seria o primeiro prisioneiro da maldita palavra grafada.

22 Meu convívio forçado com o computador, sua conveniência, seus mistérios e seus perigos, me faz
23 pensar muito sobre a precariedade da palavra. Pois um pré-eletrônico como eu está sempre na iminência de
24 ver textos inteiros desaparecerem sem deixar vestígio na tela. O computador nos transforma todos em reféns
25 sem fuga possível da palavra e pode acabar, num segundo, com um dia inteiro de trabalho da pobre musa dos
26 cronistas em trânsito. Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico.
27 Ao mesmo tempo, nos transformou na primeira geração na História que tem toda a memória do mundo ao
28 alcance dos seus dedos.

29 O computador resgata a memória como mestre da História ou, ao contrário, nos exige de ter memória
30 própria, e decreta o domínio definitivo da escrita sobre quem a pratica? Sei lá. É melhor acabar aqui antes que
31 este texto desapareça.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Diálogos impossíveis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 57-58.

1 No que diz respeito à tipologia, **Reféns da palavra** é um texto

- (A) narrativo.
- (B) descritivo.
- (C) dissertativo.
- (D) argumentativo.
- (E) injuntivo.

2 Em seu texto, Luis Fernando Verissimo

- (A) parte do princípio de que os acadêmicos devem publicar obras.
- (B) trata das vantagens e desvantagens da escrita.
- (C) defende que seja dada liberdade de expressão aos cronistas.
- (D) considera que os gêneros textuais orais eram preferidos pelos antigos.
- (E) afirma que sabedoria não tem nada a ver com habilidade para escrever.



- 3** No primeiro período do texto, sem que se altere o seu significado, a palavra *pivotais* poderia ser substituída por
- (A) precursoras.
 - (B) cruciais.
 - (C) fundamentais.
 - (D) predominantes.
 - (E) importantes.
- 4** No trecho “Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa aberta em cânone e lição em dogma” (linhas 11 e 12), Verissimo expressa a opinião de que
- (A) a escrita é menos importante do que a oralidade.
 - (B) a oralidade é mais rica do que a escrita.
 - (C) é mais difícil compreender o texto escrito.
 - (D) o texto oral permite leituras diversas.
 - (E) a escrita restringe a criação do texto.
- 5** Em “Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis.”, entre os termos *coagulou* e *petrificou* há relação de
- (A) antonímia.
 - (B) homonímia.
 - (C) hiperonímia.
 - (D) paronímia.
 - (E) sinonímia.
- 6** As aspas foram empregadas por Verissimo para destacar uma palavra ou expressão usada fora de seu contexto habitual em
- (A) *pivotais* (linha 02).
 - (B) Ótimo professor, mas não publicou (linhas 08 e 09).
 - (C) mãe das musas (linha 15).
 - (D) de cor (linha 17).
 - (E) Omeros (linha 20).
- 7** Na organização dos enunciados, a divisão em dois períodos **não** poderia ser evitada no trecho
- (A) “São mestres cujas lições sobreviveram no relato de outros, Platão no caso de Sócrates e os evangelistas no caso de Jesus. Não existe nem evidência de que os dois soubessem escrever.” (linhas 03 a 05)
 - (B) “O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas. Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa aberta em cânone e lição em dogma.” (linhas 10 a 12)
 - (C) “Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis. Mas o maior defeito da escrita seria o de ter sabotado a memória como guia, roubando a sua função civilizatória de ‘mãe das musas’.” (linhas 12 a 15)
 - (D) “Meu convívio forçado com o computador, sua conveniência, seus mistérios e seus perigos, me faz pensar muito sobre a precariedade da palavra. Pois um pré-eletrônico como eu está sempre na iminência de ver textos inteiros desaparecerem sem deixar vestígio na tela.” (linhas 22 a 24)
 - (E) “O computador nos transforma todos em reféns sem fuga possível da palavra e pode acabar, num segundo, com um dia inteiro de trabalho da pobre musa dos cronistas em trânsito. Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico.” (linhas 24 a 26)



8 O trecho que contém exemplo de discurso direto é

- (A) “No seu livro *Lessons of the Masters*, George Steiner lembra que nem Sócrates nem Jesus Cristo, que ele chama de as duas figuras “pivotais” da nossa civilização (de pivôs, como no basquete ou nos crimes passionais), deixaram qualquer coisa escrita.” (linhas 01 a 03)
- (B) “A única, enigmática referência da Bíblia a um Cristo escritor está em João 8:1-8, quando, indagado pelos fariseus sobre o destino da mulher flagrada em adultério, Jesus finge que não ouve e escreve algo no chão com o dedo – ninguém sabe o que ou em que língua.” (linhas 05 a 07)
- (C) “Existe até uma velha piada, que Steiner cita, sobre um acadêmico moderno comentando o currículo de Jesus: ‘Ótimo professor, mas não publicou.’” (linhas 07 a 09)
- (D) “Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis.” (linhas 12 e 13)
- (E) “Durante muito tempo, os gregos desconfiaram da palavra escrita como a linguagem cifrada de um mundo obscuro que só levava à danação, diferentemente do que se aprende “de cor”, ou com a linguagem do coração.” (linhas 16 a 18)

9 No trecho “Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico.” (linha 26), o autor

- (A) empregou as palavras na ordem inversa.
- (B) expressou ironia.
- (C) usou termos em sentido conotativo.
- (D) empregou a colocação pronominal errada.
- (E) utilizou linguagem coloquial.

10 Entre os enunciados do trecho “O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas.” (linha 10), reconhece-se uma relação

- (A) adversativa.
- (B) conclusiva.
- (C) explicativa.
- (D) aditiva.
- (E) alternativa.

LITERATURA

11 Denomina-se Barroco o movimento artístico do século XVII, posterior do Renascimento, que abrangeu não só a literatura, mas também a arquitetura, a escultura, a música e a pintura.

Assinale o que NÃO se aplica ao Barroco.

- (A) Impulsionado pela poética do desengano, o poeta se expande em idealizações, invocações, apelando para a existência de um mundo mais justo.
- (B) Elemento da estética barroca, o Fusionismo se define como fusão de sons e de elementos antitéticos: luz e treva, racional com o irracional.
- (C) No Brasil, temos como principais representantes o escultor Aleijadinho, o poeta Gregório de Matos e o orador sacro Padre Antônio Vieira.
- (D) Conceptismo e cultismo representam as coordenadas principais da estética; o primeiro tende para o jogo de vocábulos e de raciocínio, para a sutileza do pensamento.
- (E) O contexto histórico social em que surgiu o Barroco é marcado pelo fim do ciclo das navegações, pela Reforma Protestante, pela Contra Reforma católica.



12 O que é CORRETO afirmar a respeito do gênero lírico?

- (A) Tem origem na epopeia clássica do mundo greco-latino.
- (B) Suas formas geralmente são a tragédia, a comédia, a tragicomédia, o drama, o auto.
- (C) É marcado pela objetividade, temporalidade, relações de causalidade, voz narrativa.
- (D) A subjetividade é seu traço constitutivo uma vez que, geralmente, exterioriza os sentimentos de um “eu”.
- (E) Sua única forma de existência se dá em poemas em versos.

13 Leia o poema de Camões.

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu voando,
num'hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar um'hora.

Se me pergunta alguém por que assi[m] ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.

Em relação ao poema e à lírica camoniana, assinale o que é CORRETO.

- (A) Hipérboles, antíteses e paradoxos traduzem a tensão do eu lírico diante do desconcerto em que anda o mundo, próprio do momento renascentista.
- (B) Hipérboles, antíteses e paradoxos traduzem a tensão do eu lírico diante da visão da mulher amada, próprio da corrente petrarquista sobre o amor.
- (C) Hipérboles, antíteses e paradoxos traduzem a tensão do eu lírico e a exploração camoniana da temática da efemeridade da vida.
- (D) Hipérboles, antíteses e os versos em redondilha garantem a sonoridade do poema e a comprovação de que pertencia às composições de medida nova da época.
- (E) Hipérboles, antíteses e os versos em redondilha apontam para as exigências formais da época em que valores medievais se fundem a valores renascentistas.



14 Leia o excerto abaixo e responda à questão:

“Ah! Enquanto os destinos impiedosos
não voltam contra nós a face irada,
 façamos, sim, façamos, doce amada,
 os nossos breves dias mais ditosos.
 Um coração que, frouxo,
 a grata posse de seu bem difere,
 a si, Marília, a si próprio rouba,
 e a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
 e façamos de feno um brando leito:
 prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
 gozemos do prazer de são amoros.
 Sobre as nossas cabeças,
 sem que o possam deter, o tempo corre;
 e para nós o tempo que se passa
 também, Marília, morre.”

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu E Cartas Chilenas*. São Paulo: Ática, 1997, p.56-57).

O que é CORRETO afirmar sobre o excerto acima e sobre o Arcadismo, movimento literário a que pertence?

- (A) No texto, o eu lírico faz um convite amoroso à amada, sob o argumento de que os anos passam e tudo se consome, o que representou escândalo, na época, e fez o autor Tomás Antônio Gonzaga entrar para a lista de poetas fesceninos.
- (B) No texto, o eu lírico faz um convite amoroso à amada, comum na tópica do Arcadismo que também idealizava a vida urbana, em contraste com a monotonia da vida campestre.
- (C) No texto, o eu lírico faz um convite amoroso à amada, sob o argumento de que os anos passam e tudo se consome, elemento comum na tópica do Arcadismo, como ressonância do *carpe diem* da antiguidade clássica.
- (D) No texto, o eu lírico faz um convite amoroso à amada, dando relevância a elementos da natureza, mas contrariando a estética do Arcadismo, com relação ao *locus amenus*, ao bucolismo e ao pastoralismo.
- (E) No texto, o eu lírico faz um convite amoroso à amada, como vingança ao destino cruel que os separava, indicação da problemática vivida por Gonzaga na Inconfidência Mineira, movimento político em que se envolvera.

15 Leia o final do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, publicado em *Relíquias de casa velha*, em 1906.

“(…) Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo, com o filho e os cem mil reis de gratificação. Tia Mônica, ouvia a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil reis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

_ Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.”

(ASSIS, Machado de. *Pai contra mãe*. In: BRAYNER, Sônia (org.). *O conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980, p..282-291)

Com relação ao excerto e ao conto em que se insere, é CORRETO afirmar que

- (A) representa o inconformismo machadiano com a realidade do Rio de Janeiro do final do século XIX, em que se discutia o alto índice de aborto, de mortalidade infantil e de abandono de crianças na roda dos enjeitados.
- (B) a oração final representa um ditado popular da época e é usado para reforçar a verossimilhança do texto realista.
- (C) a oração final demonstra a “frieza” de Cândido Neves e o modo de ele “atenuar sua consciência” ao recuperar o filho, sem dar oportunidade à escrava de levar sua gravidez adiante. É a ironia machadiana a serviço da denúncia da crueldade da escravidão.
- (D) a atitude do pai em proteger o filho contraria a atitude da mãe, a escrava, que não pensou nos riscos ao fugir grávida, revelando-se egoísta e não merecedora do perdão.
- (E) tanto no excerto quanto no conto fica evidente a ironia machadiana que faz um jogo com os nomes das personagens como Cândido Neves, que não é cândido, e Clara, sua mulher, cujo nome também contradiz sua maldade.



- 16** Leia o trecho do poema de Gonçalves Dias e assinale a alternativa CORRETA com relação ao texto, ao poema a que pertence e a seu autor.

DEPRECAÇÃO

Tupã, ó Deus grande! Cobriste o teu rosto
Com denso velame de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velame de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.
(...)

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos
Que eu vi combatendo no albor da manhã:
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!

(DIAS, Gonçalves. *Deprecação*. In: CANDIDO, Antonio. CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira. Das origens ao Realismo*. São Paulo: Difel, 1985, p. 185-187)

- (A) No poema, o eu lírico se revolta contra Deus, seguindo a tópica do Romantismo em que o poeta se sentia em choque com a sociedade.
- (B) A tópica indianista de Gonçalves Dias, na qual encontramos títulos como *O canto do Piaga*, *O canto do Guerreiro*, revela um índio bárbaro que precisa ser catequizado.
- (C) O lirismo amoroso está presente na extensa produção poética de Gonçalves Dias. No entanto, seus poemas líricos não são considerados do ponto de vista formal.
- (D) O poema revela a ousadia de Gonçalves Dias, cujo indianismo fere a fé cristã e os conceitos do processo civilizatório brasileiro.
- (E) O título reforça o sentido do poema, uma vez que o eu lírico assume a voz do indígena cansado de sofrer e prevendo o massacre de seu povo e de sua cultura.

- 17** O que é CORRETO afirmar sobre o romance *Iracema*, de José de Alencar?

- (A) Sua história teria sido contada ao narrador que então a reproduz como a lenda do Ceará, com objetivo indigenista e moralizante, uma vez que Alencar seguia os moralistas do século XVIII.
- (B) O enredo da narrativa, marcadamente indianista, fica em segundo plano na obra do autor, porque perde em literariedade aos romances urbanos em que trabalha os famosos perfis femininos.
- (C) A personagem Iracema trai seus irmãos tabajaras ao violar o segredo da jurema e se entregar ao guerreiro branco. Com esse enredo, Alencar condena a mulher indígena, apesar de descrevê-la com recursos plásticos admiráveis.
- (D) É escrito em uma linguagem empolada, com um enredo cheio de vaivéns temporais, o que o caracteriza como um romance “capa e espada”, gênero frequente no romantismo europeu.
- (E) Tem como subtítulo “Lenda do Ceará”, o que o alinha à tradição oral; por outro lado, sua linguagem, considerada essencialmente plástica, lhe garante densidade lírica o que o torna, para alguns, um exemplar perfeito da prosa poética romântica.



18 Leia o excerto do poema de Álvaro de Campos e, em seguida, responda à questão.

Esta velha angústia.
Esta angústia que trago há séculos em mim.
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.
Mal sei conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doído a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...”

(CAMPOS, Álvaro de. *Esta velha angústia*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p.324)

O que é correto afirmar acerca do texto e de seu autor?

- (A) Representa o pensamento psicótico de Álvaro de Campos, o engenheiro e mais problemático dos heterônimos de Fernando Pessoa.
- (B) Evidencia a subjetividade de Álvaro de Campos, projeção da solidão, da angústia, da sensação de perda da identidade, problemáticas presentes na poética do século XX.
- (C) Aborda a sensação de vazio presente na estética pessoana que liga os principais heterônimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e também o ortônimo.
- (D) Contrasta com a visão clara e límpida do engenheiro Álvaro de Campos, principal heterônimo de Fernando Pessoa e construtor de uma lírica que apregoava a velocidade.
- (E) Revela traços do romantismo de Álvaro de Campos, o heterônimo campesino de Fernando Pessoa que, como os românticos, sente-se em conflito com a sociedade.

19 Marque a alternativa CORRETA sobre o conto *Madalena* e sobre seu autor, Miguel Torga.

- (A) O conto pertence ao livro *Bichos*, publicado em 1940, criado em momento de ceticismo do autor que preferia retratar bichos a retratar homens.
- (B) O título do conto remete à Madalena bíblica condenada a expiar suas culpas na solidão das montanhas da Serra Negra e a padecer de sede e fome.
- (C) Madalena, uma das poucas personagens humanas retratadas no livro *Bichos*, reage como bicho-homem, no momento da maternidade condenada.
- (D) Apesar de humana, Madalena é retratada como um bicho na solidão da serra, porque o autor Miguel Torga, neo realista, recupera dados da escola do século XIX.
- (E) A linguagem do conto recupera, ao máximo, a oralidade e expande-se em imagens lúbricas e patéticas para retratar a expiação da personagem pela leviandade cometida.

20 Marque o que é CORRETO sobre o conto *Amor*, de Clarice Lispector.

- (A) Desencadeia-se em Ana, a personagem central, uma crise existencial após ver um cego mascando chicletes. Repousa, nesse incidente, a tensão conflitiva do conto.
- (B) O conto é marcado por Ana, a personagem central, uma pacata dona de casa, que, por meio do discurso indireto livre, revela-se ao leitor por inteiro, confessando, inclusive a paixão por um cego.
- (C) O conto, cheio de momentos subjetivos, rompe com as leis da causalidade do enredo e com a temporalidade cronológica, técnicas até então nunca utilizadas por autores brasileiros.
- (D) O conto é narrado de modo a centrar-se nos sentimentos, pensamentos e percepções das personagens centrais: Ana e o cego.
- (E) Ana, a personagem central, é um protótipo de heroína que surge na literatura brasileira a partir de obras intimistas e que, por meio do discurso indireto livre, denunciam a opressão do universo de donas de casa.



FILOSOFIA

21 “No conhecimento encontram-se frente a frente a consciência e o objeto, o sujeito e o objeto. O conhecimento apresenta-se como uma relação entre esses dois elementos, que nela permanecem eternamente separados um do outro. O dualismo sujeito e objeto pertence à essência do conhecimento.” (HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. Armando Amado, Editor, Coimbra, 1973, p.26)

Sobre a relação sujeito-objeto no processo de conhecimento, é correto afirmar que:

- I. Trata-se de uma relação que é, ao mesmo tempo, uma correlação, na qual o sujeito só é sujeito para um objeto e o objeto só é objeto para um sujeito.
- II. Esta relação é reversível, na medida em que sujeito e objeto podem trocar de papéis no processo de conhecimento.
- III. Só pode haver conhecimento se houver a relação sujeito cognoscente e objeto conhecido.
- IV. A dualidade sujeito-objeto implica que o sujeito pode fundir-se no objeto e o objeto no sujeito.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (A) I e II
(B) I e III
(C) II e IV
(D) I, III e IV
(E) II, III e IV

22 “Locke, com plena consciência da necessidade que existe [...] de esclarecer o problema do conhecimento, inicia seu trabalho filosófico perguntando-se: qual é a essência, qual é a origem, qual é o alcance do conhecimento humano [...]. Uma vez levantado o problema das origens do conhecimento, Locke teve que escolher o sentido em que ia tomar a palavra origem, pois segundo o sentido em que a tomasse, conduziria sua investigação por um determinado caminho”. (MORENTE, Manuel G. *Fundamentos de Filosofia: Lições preliminares*. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1970, p.178-180, texto adaptado).

Por origem do conhecimento, o filósofo entende

- (A) a derivação lógica de uma ideia a respeito de outra que pode ser sua antecedente. racional.
(B) o processo germinativo, seminal de formação das verdades de razão no nosso espírito.
(C) a gênese natural, psicológica de formação das ideias.
(D) a determinação do princípio da razão suficiente que sustenta as verdades de fato oriundas da experiência.
(E) a gênese de uma ideia confusa e sua transformação em ideia clara.



23 “Um exemplo simples deve ser bastante para indicar a maneira como se caracterizam as investigações controladas. A crença outrora muito comum de que banhos com água fria e salgada eram benéficos para os pacientes atacados de febres altas parece ter-se baseado em repetidas observações de que melhoras resultavam deste tratamento [...]. Aparentemente, não ocorreu aos que aceitavam essa crença indagar se pacientes não submetidos ao mesmo tratamento poderiam mostrar melhoria semelhante. Em suma, a crença não era resultado de uma investigação controlada – ou seja, o curso da moléstia em pacientes submetidos ao tratamento não era comparado ao seu curso num grupo ‘de controle’, constituído por pacientes que não o recebiam, de modo que não havia base racional para decidir se o tratamento produzia algum efeito.” (NAGEL, E. “Ciência: natureza e Objetivo”. In MORGENBESSER, S. *Filosofia da ciência*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1979, p.22)

De modo geral, podemos dizer que uma investigação científica é controlada somente se

- (A) ao criar alguma espécie de processo de eliminação, a investigação torna possível determinar os efeitos diferenciais de um fator que se considera relevante para a ocorrência de dado fenômeno.
- (B) ao repetir por diversas vezes o experimento, sob as mesmas condições, a investigação mostra-se capaz de eliminar os efeitos indesejáveis de modo a comprovar a teoria.
- (C) a investigação é capaz de fazer previsões acertadas sobre eventos futuros com base em fatos observados que se repetem.
- (D) a investigação obedecer rigorosamente os procedimentos do método indutivo, partindo dos casos particulares para as leis gerais.
- (E) com base na coleta de fatos, a investigação for capaz de determinar os fatos relevantes para a verificação racional da teoria.

24 “O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico, e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo.” (KANT, I. *Crítica da Faculdade do juízo*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993, p. 47)

Para Kant, o juízo de gosto não é um juízo cognitivo porque

- (A) diz respeito à representação pelo entendimento do objeto percebido, excluindo desta qualquer interferência da faculdade de imaginação.
- (B) se refere aos sentimentos do observador pelo objeto percebido, e não a quaisquer características percebidas no objeto.
- (C) é fruto de uma percepção inferior mediada pelos sentidos, que só nos possibilita perceber os caracteres particulares e externos do objeto.
- (D) tem por base um “padrão de gosto” que se traduz em um critério de beleza universal, válido para uma determinada sociedade.
- (E) o gosto é relativo, a beleza das coisas depende das preferências e aversões de cada sujeito.



25 “Para Platão, só dois atos miméticos fundamentais existem: a *imitação primeira realizada* pelo Demiurgo, que criou as coisas sensíveis, tomando por modelo as essências imutáveis, e a *imitação moral*, que a alma, desejosa de reinvestir-se de sua condição espiritual perdida, faz do Bem e da Beleza, no intuito de assemelhar-se àquilo que contempla intelectualmente. O pintor e o escultor imitam as coisas desse mundo, que o Demiurgo já copiou da realidade perfeita. O mérito desses artistas é diminuto e nulo.” (NUNES, B. *Filosofia da arte*. São Paulo, Ed. Ática, p. 39).

Para Platão, o mérito do pintor e do escultor, ao imitarem as coisas do mundo, é diminuto e nulo porque

- (A) reproduzem as ideias das coisas, a forma essencial, e não propriamente a verdadeira realidade.
- (B) ao invés de criar, apenas representam os corpos e as coisas em geral que tomam como modelo.
- (C) o que produzem se assemelha às coisas, mas não as representam como elas realmente são.
- (D) desejam atingir uma beleza espiritual, mas acabam produzindo uma cópia imperfeita desta beleza.
- (E) produzem uma forma ilusória, enganadora, que simula uma realidade que, efetivamente, não é a verdadeira.

26 “Aplicar o qualificativo de “ciências” ao conhecimento dos fatos humanos será, aliás, considerado por alguns como um abuso de linguagem. [...] O obstáculo fundamental está, evidentemente, na natureza dos fenômenos de comportamento humano, que carregam uma carga de *significações* que se opõem a sua transformação simples em *objetos*, ou seja, em esquemas abstratos lógicos e matematicamente manipuláveis.” (GRANGER, Gilles-Gaston. *A ciência e as ciências*. São Paulo, Editora da UNESP, 1994, p.85)

O obstáculo fundamental, segundo o autor, para que o conhecimento acerca do homem atinja o estatuto de ciência reside no (a)

- I. fato de o homem dissimular suas reais intenções quando está sendo objeto de estudo.
- II. natureza de seu “objeto” de estudo que, na verdade, não é propriamente um objeto, mas sim um sujeito, cujas ações são dotadas de sentido.
- III. fato de que esses conhecimentos possuem o nível de cientificidade inferior ao das ciências da natureza.
- IV. dificuldade desses conhecimentos se adequarem aos modelos explicativos das ciências naturais.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (A) I e II
- (B) I e III
- (C) II e IV
- (D) I, III e IV
- (E) II, III e IV



27 “Kant, como todos os grandes pensadores do “Século das luzes”, é um humanista. Ele não poderia admitir que a moral se reduzisse à obediência a um princípio exterior à pessoa humana, quer esse princípio fosse um Deus transcendente que nos desse ordens sem as justificar ou quer fosse um Estado autoritário que oprimisse seus súditos sob o pretexto de orientá-los.” (HUISMAN, Denis e VERGEZ, A. *Compêndio Moderno de Filosofia: A ação*. São Paulo, Livraria Freitas Bastos S.A., 1966, p. 210)

Sobre a doutrina moral kantiana, é correto afirmar que ela

- (A) prega a desobediência ao poder do Estado e da religião como instâncias que pretendem nortear as ações humanas.
- (B) considera a consciência instintiva e sentimental do homem como a fonte dos valores que devem presidir as ações humanas.
- (C) considera que o fundamento determinante da ação moral é sempre a esperança da redenção ou o medo do castigo.
- (D) exclui a heteronomia, ou seja, a ideia de que possamos ser regidos por outra autoridade além de nós mesmos.
- (E) afirma que os princípios da moralidade encontram-se em conteúdos empíricos da ação, por isso são autônomos.

28 “Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...]. Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser [...]”. (SARTRE, 1998, *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 542/543).

O filósofo concebe a liberdade como

- (A) uma condição intransponível da existência humana.
- (B) uma conquista do ser humano.
- (C) um atributo dado ao homem por Deus.
- (D) parte da essência do homem.
- (E) uma escolha regida por princípios *a priori*.

29 Austin introduz uma terminologia técnica para se referir aos três principais aspectos de uma ação realizada por meio da fala [...]. No sentido mais comum [...] o ato de um falante dizer alguma coisa é o que ele denomina *ato elocutório*. A ideia básica de Austin [...] é que dizer algo não é a única coisa que fazemos por meio das palavras, e que, na mesma ação do falante, podemos distinguir o que ele diz do que ele faz ao dizer, além de dizer. [...] Assim ao realizarmos um ato elocutório, necessariamente, também realizamos o que ele denomina *ato ilocutório*. [...] Contudo, além de dizer alguma coisa o falante provoca algum efeito em seu ouvinte [...]. Esses efeitos nas ações, sentimentos ou pensamentos da audiência de um falante são o que Austin denomina *ato perlocutório*. (DUTRA, Luiz H. de Araújo. *Filosofia da Linguagem*, Santa Catarina, UFSC, 2013, p. 13/14, In: www.cfh.ufsc.br/~lhdutra/Filing-2013-apostila.pdf, consultado em 21/06/2014)

Sobre a teoria dos atos de fala de Austin, é correto afirmar que

- (A) restringe-se ao tema da significação do que o falante diz ao se expressar verbalmente.
- (B) diz respeito ao sentido e à referência do que o falante diz ao manifestar seu pensamento.
- (C) trata da determinação das regras que permitem combinar as palavras de modo a possibilitar ao falante uma comunicação com seus ouvintes.
- (D) refere-se aos aspectos sintáticos e semânticos da linguagem, pois o que o falante diz só terá significado se ele expressar seus pensamentos coerentemente.
- (E) está relacionada à dimensão pragmática da linguagem, isto é, ao que o falante faz ou pretende fazer por meio do uso da linguagem verbal.



30 “[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer a história’. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história [...]” (MARX, K. E ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo, Editora Hucitec, São Paulo, 1986, p. 39)

Sobre a história em Marx, é correto afirmar que

- V. é o homem de carne e osso que é o seu sujeito, ou seja, é ele quem faz a história.
- VI. ela não diz respeito aos feitos dos grandes homens, mas sim ao modo como o homem cria as condições para a sua subsistência.
- VII. a chave para compreendê-la está nas condições materiais de produção.
- VIII. é fruto da ação sujeitos que idealizaram um tipo de sociedade e, com base neste ideal, pretendem transformá-la.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (A) I e II
- (B) I e III
- (C) II e IV
- (D) I, II e III
- (E) II, III e IV

HISTÓRIA

31 Leia atentamente o trecho abaixo sobre o tempo histórico e o calendário e responda à questão proposta.

“O calendário, objeto científico, é também objeto cultural. Ligado às crenças além de observações astronômicas (as quais dependem mais das primeiras do que do contrário), e não obstante a laicização de muitas sociedades, ele é, manifestadamente, um objeto religioso. Mas enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é sobretudo, um objeto social”. (Jacques Le Goff. “Calendário”. *História e memória*. 3ª edição, UNICAMP, 1994, p. 485.)

No texto acima, o historiador francês Jacques Le Goff estabelece uma clara relação entre a história do calendário e o tempo histórico. A partir das ideias desse historiador e por seus conhecimentos históricos, é correto afirmar que o calendário é um objeto social de medição temporal, porque as sociedades humanas são

- (A) laicas e, assim, percebem o calendário como mecanismo científico de contagem temporal, tal como consta em instrumentos criados pelo homem como relógios ou calendários de papel ou digitais.
- (B) religiosas e entendem as marcações temporais como fruto de suas crenças e religiosidades. Desta forma, o calendário é uma maneira mística de interpretação social.
- (C) laicas e religiosas, independentemente do tempo histórico. O calendário é percebido pelos homens de hoje e do passado tanto pelo olhar dos religiosos como pelo dos cientistas e suas invenções como o relógio e o calendário.
- (D) laicas e religiosas, sabendo-se que cada sociedade historicamente constrói e intercambia essas relações, ora com a ciência e a astronomia, ora com as religiões e as crenças, sendo o calendário, tanto objeto religioso como objeto social.
- (E) laicas nos dias de hoje (marcadamente científico e explicado pelo tempo social) e religiosas nos tempos antigos e na Idade Média, quando os homens liam os calendários sem compreendê-los socialmente.



32 Leia atentamente o trecho abaixo onde Georges Duby analisa algumas alterações feitas por Lucien Febvre na *Revista dos Annales* após 1945.

“Lucien Febvre tinha a convicção de que a economia não explica sozinha as estruturas e a evolução de um grupo social. Essa convicção incitou-o a dar um novo nome à revista: *Annales Économies Sociétés, Civilisations*. A economia continuava à frente, mas o social instalava-se no cerne do projeto, em posição de comando, e o lugar que lhe havia atribuído pelos fundadores em 1929, complementar, e não acessório, pelo contrário, aberto para o futuro da pesquisa, incumbida agora às “civilizações”, ou seja, ao que hoje denominamos de cultura”. (Georges Duby. *A história continua*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993, p. 87).

Pela leitura do trecho da obra de Georges Duby e por seus conhecimentos sobre a Escola dos *Annales* é correto afirmar que as alterações empreendidas por Lucien Febvre apontavam para a valorização da história que

- (A) associava a economia com os estudos sociais e políticos, enfatizando mais os estudos econômicos que estudassem a cultura das civilizações controladas em 1945 pelo caráter imperialista francês na Ásia e África.
- (B) descartava os estudos econômicos e valorizava a cultura e a civilização em clara guerra contra a história positivista que usava o econômico para justificar posições imperialistas europeias.
- (C) associava os estudos econômicos com os estudos sociais e culturais (civilizacionais) para promover a construção de uma história mais ampla e humanista, conhecida como “história total”.
- (D) juntava os estudos econômicos com os estudos sociais e os da civilização para promover a reunião de ideias marxistas de lutas de classes e levar o povo francês a reconhecer a necessidade de transformações sociais de base.
- (E) descartava a história cultural e valorizava a história social e a história econômica para empreender uma transformação social necessária para a reconstrução da sociedade francesa depois do fim da Segunda Guerra Mundial (1945).

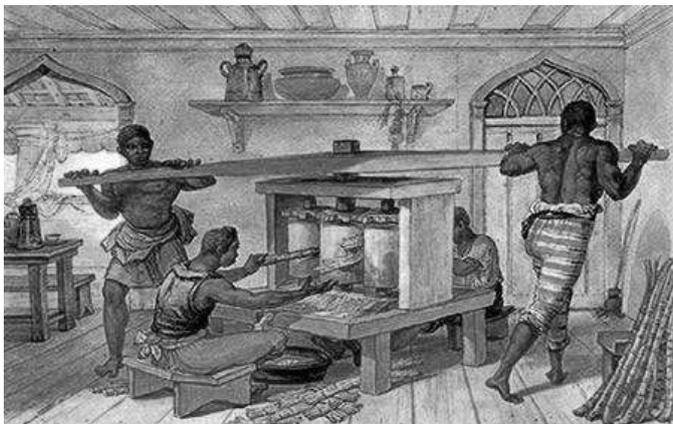
33 Ainda durante a Idade Média surgiram as primeiras universidades. Contudo a vida feudal (altamente clerical e monástica) impunha problemas a essa novidade. Segundo historiadores como Jacques Le Goff, “já no século XII” alguns “mestres e clérigos” haviam conseguido autorização de seus bispos para ministrarem ensino “fora do contexto monástico, episcopal, nas cidades”. Homens como São Bernardo eram contra a nova prática de ensino e chamavam esses novos docentes de “vendedores de palavras” em uma atividade “sacrílega”. Os novos professores seriam “vendedores de ciências que só a Deus” pertenceria. (Texto adaptado de Jacques Le Goff. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 200).

A partir da ideia exposta acima, é correto afirmar que o nascimento das Universidades – ainda durante a Idade Média europeia – explica-se, sobretudo, porque os maiores agentes das relações de poder naquela sociedade, os bispos católicos:

- (A) apoiaram a criação de um saber universitário, autônomo e leigo, feito em grandes centros urbanos e cidades, independentemente da supervisão da Igreja. Os bispos católicos entendiam que havia local para todos esses saberes na Idade Média, de caráter centralizado e democrático.
- (B) viveram mudanças e conflitos com o nascimento de cidades e burgos. A Igreja teve que ceder espaços aos novos intelectuais e as universidades, mas muitos bispos e homens, como S. Bernardo, criticaram e limitaram essas inovações.
- (C) rejeitaram as novas universidades, pois entendiam que elas afrontavam seu domínio. Os bispos controlavam os novos intelectuais, ora trazendo-os para suas escolas, ora os excomungando e levando-os para o tribunal da inquisição.
- (D) jogaram politicamente com a questão, primeiramente permitindo a abertura destas novas instituições, e em seguida proibindo seu funcionamento prático, excomungando professores e reitores. Assim, nasceu a Reforma religiosa.
- (E) permitiam essa nova criação universitária, mas os bispos eram a minoria no seio da igreja. A maioria dos clérigos fez como São Bernardo e assim as universidades só foram se desenvolver na Idade Contemporânea.



- 34** Observe atentamente as duas imagens abaixo e responda à questão proposta sobre as relações de trabalho e a escravidão de origem africana no Brasil colonial.



“Pequena moenda portátil”. Jean Batiste Debret. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p.243.



“Negros vendedores de aves”. Jean Batiste Debret. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p. 198.

As imagens anteriores foram feitas por um pintor viajante francês que esteve no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821. Nelas, percebem-se diferentes relações de trabalho comuns aos escravos de origem africana no Brasil colonial. As duas imagens caracterizam, respectivamente, a escravidão

- (A)** urbana e rural, ambas marcadas pelo estreito controle senhorial que sempre estava à espreita, vigiando pessoalmente seus escravos ou fazendo esse controle através de feitores e de capitães do mato. No mundo urbano, o senhor poderia até fiscalizar seus escravos por meio de espíões, os quais, em geral, eram negros libertos.
- (B)** rural e urbana, a primeira marcada pelo uso de tecnologias portáteis, como a moenda industrial e avançada em termos tecnológicos; e a segunda ainda muito artesanal com a venda de aves sem serem abatidas, feita por negros recém-chegados da África e sem treinamento para trabalharem na lavoura canavieira.
- (C)** rural e urbana, a primeira definida pelo trabalho direto no processo produtivo (lavoura canavieira, por exemplo), demarcada pelo controle próximo do trabalho; e a segunda pela escravidão de ganho, pela qual o escravo prestava contas ao senhor periodicamente, mas podia circular mais autonomamente pelas cidades.
- (D)** urbana e rural, quando ambas pensavam o escravo como uma mercadoria. Havia – tanto nas cidades como no mundo rural – uma sociedade dividida em castas, a partir das quais os negros eram segregados e não moravam nem circulavam nos mesmos espaços dos homens livres e brancos.
- (E)** rural e urbana, sendo que a rural era vivida por negros escravos, dentro do trabalho conduzido e organizado por feitores e senhores. Já no mundo urbano, os negros que circulavam eram libertos uma vez que era quase impossível controlar sua circulação pelas ruas das cidades.



35 Leia atentamente o trecho abaixo sobre as leis de abolição do trabalho escravo entre os indígenas no Brasil e responda à questão proposta.

“Alguns sites apresentam o dia 1º de abril de 1680 como o dia da abolição da escravidão indígena. Nesta data, o rei de Portugal publicou mais uma lei que acabava com o cativo dos índios no Brasil. Para o professor José Ribamar Bessa Freire, a lei foi mais uma "pegadinha" de 1º de abril. Bessa explicou que o texto da lei proibia a escravização de novos índios, mas não libertava os cativos adquiridos antes de sua promulgação. O professor explicou que as idas e vindas da legislação, ao longo de todo século XVII, resultaram da luta entre jesuítas e colonos pelo controle da mão-de-obra indígena. Tampouco a legislação criada no século XVIII pelo Marques de Pombal foi movida por razões humanitárias. Para Bessa as reais motivações do controverso marquês, ao aprovar uma lei que libertava e igualava os índios aos portugueses, era angariar a simpatia das populações nativas da Bacia Amazônica em razão da assinatura, em 1750, do Tratado de Madri, que revogou Tordesilhas (1494). (Leonardo Soares Quirino da Silva. “Abolição da Escravidão Indígena: 1680 ou 1755?”. Dados retirados do site <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0036.html> Acessado em 12/06/2014).

O trabalho escravo de origem indígena no Brasil foi legalmente abolido no contexto da (as)

- (A)** reformas pombalinas e devido às pressões internacionais pelo Tratado de Madri. As tentativas anteriores terminavam com a escravização e foram derrubadas na prática pelas pressões de jesuítas e pelos colonos no uso dessa mão de obra.
- (B)** lei de 1680, que aboliu a escravidão e abriu caminho para a definitiva liberdade do trabalho escravo indígena, concluída com a legislação pombalina devido à demora nos trâmites legais e às pressões escravocratas dos jesuítas.
- (C)** norma legal pombalina, quando se decretou que todos os indígenas seriam cidadãos livres, desde que falantes do português e moradores em regiões de fronteira. Assim, tratava-se de uma liberdade parcial. A liberdade total só veio em 1888 com a Lei Áurea.
- (D)** reformas pombalinas conhecidas por “diretório”. Nele, os povos indígenas foram libertos, mas eram entregues aos jesuítas e ficavam sob sua tutela, o que limitava essa liberdade efetivada de fato com a expulsão dos jesuítas no final do século XVIII.
- (E)** leis de 1680 e das reformas pombalinas. No primeiro momento, os filhos de escravos indígenas foram libertados e no segundo foi proibido o comércio (tráfico) de escravos indígenas, o que acabou, de fato, com esse tipo de escravidão.



36 Leia o trecho do texto abaixo e responda à questão sobre a vida e o trabalho no seringal da Amazônia no final do século XIX.

“A Belém de outrora, da *Belle Époque* – aquela que habita nossos sonhos dourados, foi majoritariamente financiada pela goma elástica saída dos seringais. Quase quarenta anos após desse período áureo da borracha, um artista único traduziu a dinâmica dos trabalhadores que faziam da extração do látex seus ofícios, enriquecendo seus senhores e a cidade. Cândido Portinari recebeu do Banco de Crédito da Borracha (atual Basa) a encomenda de fazer um mural com essa temática. “Portinari ficou conhecido como um pintor social, pois levou os trabalhadores e suas duras vidas para as telas e obras. O teatro da vida é sempre mais colorido, misturando trabalho, natureza e arte”, esclarece o curador da exposição, o historiador Aldrin Figueiredo. De acordo com ele, “é pelo traço único de Portinari que passamos em revista a narrativa visual do passado no presente”. (Lorena Montenegro. “O seringal em pinceladas”. Retirado do site: http://www.lealmoreira.com.br/conteudo/o_seringal_em_pinceladas_em_10/06/2014).

Pelo trecho acima e pela descrição da representação presente na pintura de Portinari sobre a borracha na Amazônia, percebe-se que a vida no seringal caracterizava-se pelo trabalho

- (A) exaustivo e repetitivo, marcado pelo ritmo da indústria gomífera taylorista que dizimava a natureza amazônica e explorava seus muitos e diferentes trabalhadores, marcados pelos negros africanos (escravos e libertos), por migrantes do nordeste brasileiro e por imigrantes europeus.
- (B) que misturava a dureza da exploração na extração do látex e sua cadeia de endividamento, mas também continha as cores e a arte de formação de um povo rico em cultura, sobretudo pela majoritária presença de imigrantes europeus, a base deste povo amazônico.
- (C) rico e diverso que, apesar da exploração e do endividamento do trabalhador seringueiro, foi possível criar uma sociedade multicolorida, numa mistura de etnias (nordestinos, imigrantes e povos locais) com a natureza e com a diversidade cultural.
- (D) dinâmico, que sustentava o enriquecimento dos seringalistas nas grandes cidades amazônicas da Belle Époque e seus “sonhos dourados” e coloridos de modernização dos seringais.
- (E) multifacetado em sua formação étnica e cultural dentro dos seringais, formados por senhores, escravos (negros e indígenas) e muitos nordestinos libertos e migrantes que vinham para a Amazônia fugindo da seca.

37 Observe o trecho do texto abaixo e responda à questão proposta.

“Potência é a medida em **watts (em homenagem a James Watt)** (...) James Watt [o inventor da máquina a vapor que viveu na Inglaterra do final do século 18] introduziu o **hp (horsepower)** como unidade mecânica de potência. Embora o **cavalo-vapor [horsepower]** seja uma unidade de potência antiga, ela ainda é usada atualmente”. (MULLET, Nilton & PEREIRA, Ilton. *Análise de circuitos elétricos com aplicações*. Porto Alegre: AMGH editora, 2014, p. 45.)

O texto acima descreve o nascimento de um termo técnico (**HP**, ou **horsepower**) nascido no final do século 18. Esse nascimento pode ser corretamente contextualizado na Inglaterra dentro do processo de

- (A) Revolução Inglesa, quando destronou o rei e pôs no poder Oliver Cromwell, o qual incentivou o desenvolvimento industrial com a valorização de inventores como Watts e de invenções que relacionavam o valor dos animais (cavalo) para o desenvolvimento industrial.
- (B) Revolução Industrial, quando a Inglaterra liderou um processo de profundas transformações nas relações de produção, as quais passaram a ser organizadas e ritmadas por máquinas, e não mais por tração animal (força motriz animal)
- (C) Revolução Britânica a partir da qual o governo centralizou o poder nas mãos de uma monarquia constitucional que organizou a nação inglesa e a colocou no rumo da industrialização e da valorização dos cavalos como força motriz do novo desenvolvimento.
- (D) Revolução Industrial nascida na Inglaterra e que se espalhou pelo país de Gales até chegar à Escócia, país natal de Watts. Ali, a Revolução se consolidou e seus principais inventores criaram a moderna maquinaria e destruíram a força motriz animal, substituindo-a pelo motor a vapor.
- (E) Revolução social industrial inglesa, a partir da qual homens como James Watts receberam estudos em universidades como Cambridge ou Oxford para tentar melhorar a produção industrial e criar máquinas como a máquina a vapor para erradicar o uso de animais nas modernas fábricas que nasciam.



38 Podemos perceber que no final do século XIX a instituição escravista parecia ser uma “anomalia”. O começo das críticas sobre a escravidão teve início em meados do século XIX, com as pressões internacionais em relação ao tráfico negreiro, depois vieram várias leis: a do Ventre Livre, a dos Sexagenários e a da extinção do tráfico interno. Simultaneamente formaram-se ligas emancipacionistas e abolicionistas e o processo de abolição em si. Na província do Grão-Pará, especificamente em Belém esse movimento esteve dentro de um raio de ação que contagiou todo o Império Brasileiro. A partir de 1887 e 1888 encontramos um forte movimento pró-libertação dos escravos contagiados pelo ressurgimento do movimento de abolição irrestrita e incondicional que reacendera entre 1883 e 84 na capital do império e na província do Ceará. (Texto adaptado de Carlos Denizar de Souza Machado. Festas de Abolição da Escravidão na província do Grão Pará. Revista História e história. Grupo de pesquisa de arqueologia histórica da UNICAMP, 2010.

<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=119> Acessado em 25/06/2014)

O trecho acima analisa o processo abolicionista no Brasil e no Pará dos anos finais do século XIX. Esse processo caracteriza-se, principalmente, por ter bases e lideranças formadas por

- (A)** escravos e pequenas lideranças vindas do mundo da escravidão e formadas por libertos nas bases. As posições de comando eram formadas por profissionais liberais e abolicionistas estrangeiros, principalmente ingleses.
- (B)** profissionais urbanos (jornalistas, advogados, comerciantes) que formavam suas bases e políticos, literatos e grandes jornalistas eram seus líderes. Tratava-se de um movimento que, majoritariamente, temia a participação direta dos escravos.
- (C)** escravos aquilombados e libertos formavam a sua base, que era mais radical. Já as lideranças eram mais políticas e se constituíam de homens de Estado e políticos mais avançados, embora ainda liberais em suas ações e ideário.
- (D)** libertos e trabalhadores urbanos livres e pobres formavam a base do movimento. Já os líderes sindicais e de representação de classe construía suas principais lideranças numa conexão entre abolicionismo e movimento operário.
- (E)** libertos e africanos livres construía a base do movimento, sendo suas lideranças formadas por advogados e literatos como Joaquim Nabuco e Luiz Gama, que fizeram a ligação entre abolicionismo no Brasil e na África.



39 Observe atentamente a imagem abaixo e responda à questão proposta.



Latuff cartoons. Acessado em 20/06/2014 <http://latuffcartoons.wordpress.com/tag/lei-de-anistia/>

Em 2014, o cartunista Latuff faz uma sátira crítica à lei que, em 1979, ficou conhecida no Brasil como lei da anistia política. O que essa lei trazia e que se traduz na principal motivação para a crítica atual é a

- (A) limitação da lei à liberdade concedida aos presos políticos, mas não se previa o julgamento dos crimes de tortura cometidos pelos líderes da repressão, que ainda hoje se apoiam nessa lei e ficam impunes à justiça.
- (B) presença de líderes da repressão (em especiais os antigos generais militares) nos julgamentos de crimes políticos. Por essa cláusula da lei, os antigos repressores manipularam a justiça e se mantiveram sem julgamentos justos e isentos.
- (C) diminuta participação da sociedade na formulação da lista dos repressores a serem julgados. Como a lei da anistia previa que quem definiria esses nomes eram os membros militares do governo de transição, não houve justiça.
- (D) pouca eficácia da lei para julgar crimes políticos. A ampla lei de 1979 anistiou os exilados, os guerrilheiros presos, os indiciados e os condenados políticos, bem como os torturadores. Ao anistia-los, a lei deixou impunes crimes cometidos dos dois lados.
- (E) limitação da lei que somente punia e criminalizava a tortura que tivesse sido comprovada por documentos ou por indícios dos corpos de delito. Como os próprios militares queimaram ou destruíram as provas, eles ficaram impunes.



40 Observe o *cartoon* abaixo e responda à questão proposta.



Rodrigo. Capital de risco http://humorgrafe.blogspot.com.br/2009_11_08_archive.html Acessado em 20/06/2014.

Em 2009, o cartunista Rodrigo fez uma crítica a um episódio ocorrido havia vinte anos em Berlim: a queda do muro que separava a Alemanha Oriental da Ocidental. Sobre esse *cartoon* e com base em seus conhecimentos sobre o episódio de 1989, é correto afirmar que o muro foi derrubado e isso significou o

- (A) fim da Guerra Fria, com a tomada capitalista e a derrocada final do socialismo no mundo oriental além do triunfo da economia liberal e de mercado livre e democrático no mundo ocidental desde 1989 até hoje, como bem demonstra o *cartoon*.
- (B) marco final da Guerra Fria e a exposição do socialismo ao capitalismo o qual, como uma bola de golfe, engoliu a economia socialista e seu modo de organizar a sociedade, mostrando sua agilidade, força e autoritarismo antidemocrático.
- (C) momento final da Guerra Fria, com a invasão capitalista no Oriente socialista. Contudo, o *cartoon* demonstra que o capitalismo triunfante em 1989, 20 anos depois, parece estar prestes a ser engolido também, pelo “buraco” da crise.
- (D) fim do bloco comunista, que foi derrotado belicamente com uma guerra representada no *cartoon* por uma bola de canhão atirada pelos EUA no muro de Berlim em 1989 e engolida pelos soviéticos na Alemanha Oriental
- (E) extermínio político e econômico da antiga Alemanha Oriental, que foi invadida e engolida pelo capitalismo norte-americano e ocidental que destruiu sua cultura e modo de vida de forma autoritária e antidemocrática.